

## **ENTRE O TECER, LANÇAR E PUXAR DE REDES: AS RELAÇÕES COTIDIANAS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE SANTIAGO DO IGUAPE (1970-1980).**

**Ana Paula Batista da Silva Cruz<sup>1</sup>**

### **APRESENTAÇÃO.**

O presente estudo tem por objetivo estudar as relações cotidianas dos pescadores da comunidade de Santiago do Iguape entre as décadas de 1970 a 1980, a comunidade de Santiago do Iguape se localiza a 40 km do perímetro urbano da cidade de Cachoeira no Recôncavo da Bahia e a 110 km da cidade de Salvador. Santiago do Iguape fica as margens da Baía do Iguape, região conhecida como o Vale do Iguape<sup>i</sup> aonde encontramos outras treze comunidades ao seu entorno, nas conjunturas vivenciadas pela comunidade no século XXI que envolve lutas pelo direito a identidade quilombola e conseqüentemente, ao acesso e permanências nas terras, Santiago do Iguape foi certificada pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2006, como comunidade remanescente de quilombo.

Dessa forma, estamos estudando uma comunidade quilombola, lugar em que se busca uma articulação entre as identidades de pescador e de remanescente de quilombo. No entanto, discutiremos melhor acerca dessas identidades em outra oportunidade, tendo em vista que, no recorte temporal privilegiado pelo referido estudo a comunidade ainda não era certificada enquanto comunidade quilombola, e as discussões sobre a categoria de remanescente de quilombo não estavam em foco em Santiago do Iguape<sup>ii</sup>. O recorte temporal de 1970 a 1980 se justifica, pois nesse período os pescadores de Santiago do Iguape vivenciaram transformações substanciais nos modos de fazer dos seus objetos de trabalhos, contribuindo para se pensar novas relações cotidianas na comunidade objeto de estudo dessa abordagem.

---

<sup>1</sup> Especialista em Teorias e Métodos da História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, estudante de Pós-Graduação Mestrado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana e Bolsista CAPES.

A principal fonte dessa pesquisa são as memórias dos pescadores da comunidade de Santiago do Iguape, nesse sentido, usamos os pressupostos metodológicos da história oral, atentando para definição prévia de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, as transcrições do depoimento, tivemos também a preocupação com a autorização para o uso das entrevistas. Os procedimentos do método qualitativo e quantitativo estarão em cruzamento, entretanto, daremos maior ênfase aos métodos qualitativos, que inclui aspectos biográficos dos sujeitos, trajetórias de vida e análise de práticas sociais variadas.

As considerações teórico-metodológicas do historiador Peter Burke acerca do trabalho com a memória foram fundamentais para esse trabalho (BURKE, 2000). Burke coloca que quando se incorpora o depoimento como fonte é preciso considerar sua dimensão analítica, atrelado às mudanças conceituais formuladas no interior da própria história, ou seja, é preciso fazer uma análise crítica da fonte histórica, levando em consideração, todas as especificidades da fonte oral. Ressalta ainda que os estudiosos que tomam a memória como fonte, devem elaborar uma crítica eficaz a essas fontes, tal como a crítica feita a qualquer documento ou qualquer outra fonte.

É preciso estar atento para o papel seletivo da memória, bem como, perceber quais os princípios dessa seleção e como esse processo seletivo muda com o passar do tempo e varia de lugar para lugar. Entendemos assim como Peter Burke que, nem a memória e nem a história são obras de indivíduos isolados, dessa forma, a memória dos pescadores da comunidade de Santiago do Iguape, refletem posicionamentos e realidades do grupo social ao qual eles pertencem.

Referente à compreensão dos modos de fazer, das práticas cotidianas e das táticas utilizadas pelos pescadores de Santiago do Iguape, nosso referencial teórico utilizado advém dos estudos do historiador Michel de Certeau (CERTEAU, 2012: 35-51), suas análises nos permite perceber como os pescadores vão atuando de acordo com

o que lhe são oferecidos na prática da pesca, e dessa forma avaliam possibilidades de desenvolvimento do seu trabalho, podendo definir uma determinada prática social.

As histórias de vida dos pescadores: Fefeco 76 anos “nascido e criado<sup>iii</sup>” na comunidade de Santiago do Iguape, pescador aposentado, Burica 77 anos, assim como Fefeco “nascido e criado” na comunidade, também não exerce mais o seu ofício de pescador, Dudu 78 anos<sup>iv</sup> morador da comunidade, desde o seu nascimento e já não trabalha mais como pescador, Jorge 78 anos, nascido na comunidade de São Francisco do Paraguaçu<sup>v</sup>, mas residente na comunidade de Santiago do Iguape a trinta anos, continua exercendo o seu ofício de pescador e Aurélio<sup>vi</sup> 98 anos de idade, morador da comunidade de Santiago do Iguape e pescador aposentado, são fundamentais para o desenvolvimento desse estudo e percepção das relações cotidianas dos pescadores artesanais da comunidade de Santiago do Iguape.

## **OS SABERES DOS PESCADORES ARTESANAIS DE SANTIAGO DO IGUAPE.**

A atividade pesqueira na comunidade de Santiago do Iguape é geradora da maior renda local, no entanto até o início do século XXI, a cidade de Cachoeira não tinha uma organização política que viabilizasse os direitos dos pescadores artesanais. A Colônia de Pescadores classificada pelo código “Z-52”, só foi fundada em Santiago do Iguape em 10 de abril do ano de 2005, antes disso os pescadores da comunidade eram cadastrados na Colônia de Pescadores da cidade de Maragogipe, classificada pelo código “Z-7”, será desenvolvida uma pesquisa, para que possamos compreender quais as razões para a fundação tardia da Colônia “Z-52”, bem como os impactos dessa função na vida dos pescadores de Santiago do Iguape.

Consideramos que pescador não só como grupo que desenvolve uma atividade econômica, mas também, como sujeitos que se articulam politicamente e constroem relações sociais na terra e mar. A pesca artesanal é entendida no presente trabalho como

conjunto de práticas culturais, habilidades, saberes e modos de fazer que geralmente são transmitido oralmente nas comunidades de pescadores artesanais como a função de assegurar a reprodução do seu modo de vida (DIEGUES, 2004). Os Pescadores de Santiago do Iguape conservam conhecimentos conquistados durante anos de ofício, tais como: técnicas de pescas, ritmo do tempo que envolve o mar, a lua, o vento, dentre outros, modos de construir os seus objetos de pesca e uma estreita relação com a natureza.

No presente artigo vamos nos ater as transformações no modo de fazer dos objetos de pesca de Santiago do Iguape e como essas mudanças configuraram novas relações cotidianas. Através de pesquisas feitas com os pescadores da comunidade, notamos que eles enfatizaram bastante a transição das redes de pescas tecidas com cordão para as tecidas com fios de náilon, bem como a evolução das massaquaras para as camboa<sup>vii</sup>, dessa forma vamos focar nessas duas transformações para desenvolver a proposta do artigo.

O tempo que demarca as mudanças no modo de fazer dos pescadores artesanais Iguapenses, são os tempos recuperados pela memória, fomos mapeando nas entrevistas, momentos que pudessem nos dar indícios dos anos que essas transformações aconteceram expressões como: no meu tempo de menino, no tempo que eu peguei família, naquele tempo ainda não tinha muitas casas aqui, no tempo que meus filhos nasceram, foram fundamentais para estabelecer o marco temporal das transformações ocorridas no cotidiano desses pescadores.

### **As Lembranças do Fazer.**

Quando pensamos em construir uma visão histórica acerca dos pescadores da comunidade de Santiago do Iguape, várias perspectivas de abordagens foram surgindo, no entanto, a curiosidade de entender como era o cotidiano desses pescadores? Como se configurava o trabalho no mar? Quais as formas de pescar? Quais os tipos de redes? Como eram produzidas essas redes? Acabou direcionando esse estudo para a

compreensão dos modos de fazer dos objetos de pesca na comunidade de Santiago do Iguape.

Nesse sentido, entramos em contato com histórias de vidas dos pescadores da comunidade, indivíduos esses já citados no presente artigo. Esses pescadores abriram as portas de suas casas e revelaram muitas lembranças do fazer cotidiano dos seus objetos de pescas, o pescador Dudu me concedeu a entrevista em um dia de domingo na sua casa pela manhã. Quando cheguei a sua casa o mesmo estava sentado em uma mesa na sala, comendo uma moqueca de marisco, iniciamos uma conversa e no primeiro momento o questionei quando a pescar passou a fazer parte do seu cotidiano, Dudu respondeu da seguinte forma *“É esse trabalho eu faço derna de pequeno é, naquele tempo quando eu, ta perguntado ai do sistema né, mas naquele tempo quando eu pescava eu pescava de rede né, rede era de cordão, mas antes de eu pescar de rede eu pescava de massaquara, que hoje em dia é camboa<sup>viii</sup>”*.

As colocações de Dudu acabaram suscitando questionamentos importantes sobre as redes de pescas, as massaquaras e as camboas, tendo em vista que, nas lembranças de outros pescadores de Santiago do Iguape esses elementos também apareciam. Dudu revelou que ele pescava com redes construídas com cordão ou com linha, e que as redes de náilon começaram a aparecer em Santiago do Iguape, muitos anos após o seu início na atividade pesqueira.

Dudu não soube precisar quanto tempo durou para o aparecimento das redes feitas com fios de náilon na comunidade, mas revelou um dado importante para que pudéssemos elencar os anos de 1970, como período em que a utilização das redes de cordão na comunidade de Santiago do Iguape era frequente. O pescador narrou que comprou a sua primeira rede de pesca, tecida com linha<sup>ix</sup>, quando ainda era casado com a sua primeira esposa, temos então a sua vida conjugal do pescador como marco temporal, Dudu destacou ainda que quando iniciou o seu segundo casamento pescava-se com redes de cordão, através do segundo marco temporal, fomos tentados a perceber

qual década Dudu estava se referido, utilizamos então o nascimento do primeiro filho do pescador com a sua segunda esposa e notamos que ele estava se referindo a década de 1970.

Buscamos descobrir nas conversas com outros pescadores locais se nos anos de 1970 a pescaria era feita com redes de cordão, percebemos então que entre os anos de 1970 e 1980 começou a transição da utilização de redes de cordão para redes feitas com náilon, passamos então a focar nossas análises nessas transformações. O pescador Burica sempre muito disposto a conceder entrevista, nas nossas conversas ele demonstrava uma preocupação latente em descrever de forma criteriosa o modo de fazer dos seus objetos de trabalho, Burica destaca as etapas para construção de uma rede feita com cordão.

Pra fazer a rede de cordão, a gente fazia uma bitolazinha de bambu, tossia o cordão e ai que a gente ia fazendo as maia naquela bitola, quando enchia a bitola a gente tirava e começava de novo, na outra ponta e ai ela ia, E depois dava a uma pessoa pra cortar a rede toda pra fazer a empanagem, agora depois da rede toda quando tinha um buracozinho, os donos mesmos iam aprendendo pra consertar, eu costurava rede, eu não fazia pra comercializar só fazia pra mim<sup>x</sup>

Burica ressalta que as redes tecidas com cordão não eram resistentes, apodreciam quando entravam em contato com a água salgada do mar, tornando o trabalho dos pescadores mais dispendioso.

Era do cordão branco mesmo, cordão mesmo, ai a gente fazia a rede, dai a gente ia, procurar sapateiro, pelo mangue, que tinta vinha de lá de fora, ai a gente comprava o cara já trazia batido, chegava aqui ele vendia as latas, ai a gente comprava, espalhava no sol pra secar, depois de seco a gente guardava, ai ia botando dentro d'água, aquela quantidade que a gente ia usar. Quando a gente via, era duas, três. Três pescarias tava dando outra tinta, pra rede não apodrecer.<sup>xi</sup>

Os pescadores de Santiago do Iguape pintavam as redes de cordão, como tática de conservação desse objeto de trabalho. O material utilizado para produção dessa tinta era retirado do manguezal, no entanto, os mangues que cercavam a região do vale do Iguape não produziam esse tipo de tinta, Burica salienta a tinta poderia ser comprada tanto fora da região, em cidade vizinhas como Maragogipe, quanto dentro pra própria comunidade através de vendedores ambulantes. A pintura das redes era considerada pelos pescadores

um processo demorado e desgastante, o resultado obtido não durava por muito tempo, narra Burica que, após três idas ao mar, o processo deveria ser repetido.

Analisar a construção das redes de cordão em Santiago do Iguape nos permite refletir também acerca da coletividade na pescaria. A coletividade na pescaria pode ser percebida tanto no tecer das redes quanto no lançar e puxar<sup>xii</sup> das mesmas no mar. Os relatos do pescador Dudu sobre a construção da sua rede de linha nos revelam aspectos desse trabalho coletivo no processo de tecer as redes de pesca, *“Eu fiz uma rede, eu fiz de linha, rede de xangó, eu paguei pra fazer, paguei pra costurar, gente daqui, Geralda a mulher de perna, cuzeu uma ponta, Nenem filha de Isidora cuzeu uma ponta, Noemia cuzeu uma ponta, Irene cuzeu uma ponta, Barbara, era tudo mulher.* As narrativas de Dudu nos mostra também o protagonismo das mulheres no processo de construção das redes de pescas.

Para Burica a produção das redes de cordão era bastante desgastante, levando em consideração a fragilidade do material, o pescador salientou que, quando as redes de náilon chegaram à comunidade de Santiago do Iguape, as condições de trabalho melhoraram.

Quando as redes de náilon chegaram mudou, a gente usava a de cordão, a gente tinha que ir, aqui não tinha um mangue que chama sapateiro, que a gente bate, bota pra secar pra ele tirar aquela tinta, larga a tinta, pra gente pintar a rede pra guentar mais, e depois que apareceu o náilon o negocio melhorou, porque não precisava mais a gente se preocupar com tinta a rede já ficava na canoa.<sup>xiii</sup>

Dessa forma, notamos que a inserção das redes produzidas com náilon na comunidade de Santiago do Iguape, determinou novas práticas sociais, em outras palavras, os pescadores não precisavam mais comprar tintas para tingir as redes a fim de melhorar sua resistência, o processo repetitivo de pintura dessas redes deixou de fazer parte do cotidiano dos pescadores de Santiago do Iguape.

Analisar a transição da pesca com a utilização de massaquaras para a pesca realizada com camboas em Santiago do Iguape nos permite além da verificação dos modos de fazer dos objetos de trabalho dos pescadores artesanais a percepção de como

essas mudanças foram vivenciadas por esses sujeitos. O pescador Burica novamente nos descreve como eram feitas as massaquaras.

A massaquara a pessoa fazia na mão, mas era só quem sabia mesmo, a maruã era feita de um cipó que tinha no mato que se chamava, cipó verdadeiro. Pegava peixe, camarão, e cada um pescava na sua, massaquara, Naquele tempo, acho que não sabia, não existia, tinha era massaquara, mas ninguém teve a ideia de botar o copo, naquela época, tudo era massaquara no engenho da praia, no calolé, ai depois foi que tiveram a ideia, de cortar as talas do dendê, botar pra secar e fazer o copo, A camboa também tem muito tempo, que ai no certo tempo, apareceu a ideia não sei de quem foi que ai botou o copo.<sup>xiv</sup>

A fala de Burica nos revela que a produção da massaquara se dava de forma artesanal e com utilização de elementos retirados da natureza, como o cipó verdadeiro. A utilização do espaço descrito pelo pescador como mato, representava para os indivíduos da comunidade de Santiago do Iguape comunidade uma liberdade de entrar e sair, a qualquer momento, assim como do provimento de recursos para construção dos seus objetos de trabalho, era desse mato também que os sujeitos moradores da comunidade, retiravam madeiras para cobrir suas casas, para a construção dos tijupás<sup>xv</sup> e para cozinhar os seus alimentos diários no fogo a lenha.

A massaquara funcionava como uma espécie de armadilha para capturar os pescados. Os pescadores ficavam na canoa ao lado de suas respectivas massaquaras, esperando os peixes, que tocavam na maruã, objeto redondo, construído com cipó verdadeiro que continha um pau atravessado que servia para denunciar a chegada dos peixes, cabe destacar que, as pescarias feitas com a utilização de massaquaras exigiam a presença dos pescadores em todos os momentos da atividade pesqueira diferente da pescaria desenvolvida com as camboas. Burica na sua narrativa já sinaliza diferenças entre os dois tipos de pescas, ressalta também que a utilização das camboas são práticas desenvolvidas durante muitos anos na comunidade de Santiago do Iguape, assim como, em outras comunidades da região do Vale do Iguape.

O uso de camboas em Santiago do Iguape foi percebido pelos pescadores foco dessa análise como um grande avanço nas técnicas de pescas, haja vista que, a camboa como descreveu Burica tinha uma espécie de “copo”, construído com talas retiradas do

dendê. Esse copo facilitava o trabalho da pesca, pois não exigia a presença dos pescadores em tempos integral no local da pescaria, os pescados ficavam presos dentro da camboa e retirados pelos pescadores quando considerasse pertinente. Processo esse descrito pelo pescador Burica “*Bota lá amarra, ai acende o gás, quando a maré começa a vaziar, a gente deixa lá o gás, dentro do copo. Quando a maré seca, que dar pra sair, a gente sai com o jereré e pega o que tiver dentro, Ai chama camboa*”<sup>xvi</sup>”

Mapeamos alguns proprietários de camboas em Santiago do Iguape a fim de compreender, quais eram os mecanismos de compra e venda desses objetos de pescas e como esses territórios no mar eram demarcados.

Eu tive de copo também, eu comprei na mão de um rapaz de São Felix, na mão de um parente. Você queria comprar ia lá, acertava o preço, ai paga e ficava o tempo que você quisesse, depois eu vendi, eu tinha três, tem lugar ai que se você for pegar pra botar eles querem zangar, você tem que comprar, zanga por que ele botou primeiro e acha que é o dono né, não pode botar em qualquer lugar porque as vezes o marisco não passa.<sup>xvii</sup>

Para se construir as camboas era preciso encontrar, espaços com grande fluxo de pescados e mariscos. Quando o pescador construía sua camboa em um desses lugares estratégicos, para que o outro pudesse construir também era preciso certo tipo de aprovação do vizinho, caso contrário algumas tensões de espaços se estabeleciam como narra o pescador Burica nos relatos acima, dessa forma, uma alternativa encontrada era a compra de camboas já construídas. Notamos ainda no mapeamento feito sobre as camboas que a maioria dos seus proprietários eram oriundos da comunidade de Santiago do Iguape, salvo os que nasceram em outra localidade, mas viviam na comunidade, encontramos casos do mesmo proprietário possuir mais de uma camboa, fato que revela como esse mecanismo utilizado para a pescaria era recorrente em Santiago do Iguape.

O processo de mudança do uso das massaquaras para as utilizações de camboas não apareceram nas lembranças do pescador Jorge, que começou a pescar na sua comunidade de origem São Francisco do Paraguaçu.

Na época era pescaria de Camboa, era redizinha pequena, não era massaquara, era camboa de pau, que pegava peixe graúdo, mas naquela época, as pescarias era mais vantajosas, pegava muito peixe graúdo e que hoje, diminuiu, que antes tinha muita quantidade de camarões, pegava arraia, rubalo, tudo pegava em quantidade grande. Com a continuação do tempo as coisas foi modificando, os filhos desses cidadãos que eram donos dessas camboas, foram procurando estudar, procurando ir embora pra Salvador, procurando outro ritmo de vida, pra melhorar<sup>xviii</sup>.

A diferença na utilização de modos de fazer dos objetos de pesca em comunidades próximas carece de um estudo maior, para que possamos compreender também as singularidades das práticas existentes nas comunidades pesqueiras do Vale do Iguape.

Analisar os modos de fazer dos pescadores da comunidade de Santiago do se apresenta como substancial para que possamos compreender como esses indivíduos vão atuando de acordo com as possibilidades que lhe são oferecidas e definindo praticas sociais, que podem ser representadas pelo tecer das redes, pelo lançar e puxar das mesmas no mar e pela construção de objetos como massaquaras e camboas. Através das análises desses modos de fazer conseguimos perceber como o trabalho coletivo se desenvolve na comunidade, bem como o papel das mulheres na construção dos objetos de trabalho dos pescadores, apreendemos também como os pescadores rememoram suas relações cotidianas que são restabelecidas juntamente com novos modos de fazer e novas formas de pescar desenvolvidas na comunidade de Santiago do Iguape.

---

<sup>i</sup> O Vale do Iguape está localizado na região noroeste da Baía de Todos os Santos, região em que as águas doces e salgadas se misturam caracterizando o lagamar na Baía do Iguape, o lagamar apresenta ciclo de maior ou menor salinidade, em decorrência da vazão do Rio Paraguaçu.

<sup>ii</sup> Através de pesquisas desenvolvidas na comunidade de Santiago do Iguape, podemos constatar que as discussões sobre comunidades remanescentes de quilombos da Bahia, começaram a acontecer de forma mais intensa na comunidade de Santiago do Iguape no ano de 2005, momento em que, iniciou a fundação da Associação Quilombola de Santiago do Iguape. Ver: Ata da Associação Quilombola de Santiago do Iguape.

<sup>iii</sup> Expressão utilizada pelos moradores da comunidade de Santiago do Iguape, para descrever pessoas que nasceram na comunidade e continuam morando na localidade.

<sup>iv</sup> Sobre a idade de Dudu, é válido destacar um dado interessante, pois o mesmo nos revelou no primeiro momento da entrevista, realizada no dia 27.01.13 eu tinha 70 anos, depois se corrigiu dizendo que tinha 77 anos e iria fazer ainda este ano 78, no entanto, quando eu desliguei o aparelho de gravador, Dudu revelou que já tem quase 90 anos. O entrevistado não se sentiu a vontade para revelar sua idade exata. Notamos também que o aparelho de gravador causou desconfiança no interlocutor da pesquisa, dados fundamentais, foram revelados em conversas informais como ele, esses dados podem aparecer de forma indireta no presente artigo, muitas vezes, como um esclarecimento em uma nota de fim de texto.

<sup>v</sup> São Francisco do Paraguaçu uma das comunidades que compõe o Vale do Iguape, se localiza a 5 km da comunidade de Santiago do Iguape.

<sup>vi</sup> Aurélio não revelou o seu local de nascimento, mas narrou que desde sua infância vive na comunidade de Santiago do Iguape.

<sup>vii</sup> Massaquara era uma espécie de cercado no mar, onde o pescador utilizando um instrumento denominado de maruã capturava os pescados. “Camboa” é uma expressão utilizada pelos indivíduos

---

moradores da comunidade de Santiago do Iguape para descrever outro tipo de cercados feitos no mar, a fim de capturar pescados, essa expressão pode ser encontrada na literatura brasileira como “Gamboas”.

<sup>viii</sup> Entrevista realizada no dia 27.01.13, como Seu Aderval Melo. Conhecido como Seu Dudu.

<sup>ix</sup> Existem na comunidade de Santiago do Iguape, vários tipos de redes, que são utilizadas para capturar tipos específicos de pescados, as redes de linha, eram tecidas na comunidade no período que se construía redes com cordão, a especificidade da rede de linha era capturar os peixes denominados de xangó.

<sup>x</sup> Entrevista realizada no dia, 19.12.12, com Seu Aloísio Ferreira da Cruz, 77 anos. Conhecido na comunidade como Burica.

<sup>xi</sup> Idem.

<sup>xii</sup> Cabe destacar que os pescadores de Santiago do Iguape saíam para pescar entre quatro a cinco numa mesma canoa de pesca, muitos desses pescadores eram membros da mesma família ou então eram amigos, a divisão dos pescados também era feita de forma coletiva.

<sup>xiii</sup> Entrevista realizada no dia, 19.12.12, com Seu Aloísio Ferreira da Cruz, 77 anos. Conhecido na comunidade como Burica.

<sup>xiv</sup> Idem.

<sup>xv</sup> Tijupás são pequenas casas que os pescadores utilizam para guardar os seus objetos de trabalhos, esses tijupás se localizam próximos ao mar.

<sup>xvi</sup> Entrevista realizada no dia, 19.12.12, com Seu Aloísio Ferreira da Cruz, 77 anos. Conhecido na comunidade como Burica.

<sup>xvii</sup> Idem.

<sup>xviii</sup> Entrevista realizada no dia 30.01.13, como Jorge Brito dos Santos, 78 anos.

**Referência Bibliográfica.**

ARAÚJO, Tatiana Brito de. **Os engenhos centrais e a produção açucareira no Recôncavo Baiano**. Salvador: FIEB, 2002.

Alberti, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.

ARAÚJO, Maria Paula. FERNANDES, Tania Maria. *O Diálogo da História Oral com a Historiografia contemporânea*. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **História oral: Teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

---

ARRUTI, José Maurício. *Quilombos*. In: SANSONE, Livio e PINHO, Osmundo Araújo (org's). **Raça Novas perspectivas antropológicas**. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

BARBARA, Xênia de Castro. **Espaço e Memória**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro vol. 6. N. 10, 1999.

BARICKMAN, B. J. **Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão, 1780 – 1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. São Paulo- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRANDÃ, Maria Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia. 1998.

BRASILEIRO, Sheila. **Sacutiaba e Riacho Sacutiaba: Notas Sobre Uma Comunidade Negra Rural do Oeste Baiano**. Afro-Asia, nº 023 UFBA, Brasil, 2000.

CARVALHO, Eduardo Guimarães de. **O Negócio da Terra**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ 1991.

CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

CHAUÍ, Marilena (1973) *Apresentação: Os Trabalhos da Memória*. In BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo, EDUSP.

Daisy Macedo Barcellos, Miriam de Fátima Chagas, Mariana Balen Fernandes...[et al.] **Comunidade Negra de Morro Alto: Historicidade, Identidade e Territorialidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana- A pesca construindo **Sociabilidades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Populações e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

**A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

---

GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Mocambos e comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.  
FRAGA FILHO,

Walter. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

HOBSBAWN, Eric. *Introdução In: HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (org.). A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas SP: UNICAMP, 1996.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Vestígios **recuperados: experiência da comunidade Negra Rural de Tijuacú-BA**. Anuário de pesquisa da UNEB. Salvador, BA-Edição 1, p. 1-1.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, História e Sujeito: substrato da identidade In: Mesa-redonda História Oral*. 2000.

OLIVEIRA, Rosy de. **O Barulho da Terra: Nem Kalunga Nem Campones**. Curitiba: progressiva, 2010

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e OLIVEIRA, Rosy (org.S). **Sociabilidades Negras. Comunidade Remanescente, Escravidão e Cultura**. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana Ltda, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos e REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: Quarteto, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. *Correntes campos temáticos e fontes: uma aventura da História*. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 69-70.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. *Algumas reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias In: Mesa-redonda História Oral*. 2000.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e Flávio Gomes. **Origens da roça negra**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional . ano 3. n. 27, 2007.

---

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e OLIVEIRA, Rosy (org.S). **Sociabilidades Negras. Comunidade Remanescente, Escravidão e Cultura.** Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana Ltda, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro Vol. 5. N. 10, 1999.

REIS, João José. **Quilombos e Revoltas escravas no Brasil “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”.** Revista USP, São Paulo (28) : 14-39 Dezembro/ Fevereiro 95/96.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio.** São Paulo: Companhia das letras 1996.

SILVA, Aline Pacheco; et al. **Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida.Mosaico: estudos em psicologia.** Belo Horizonte, n.1, p. 25-35, 2007

SCHMITI, Alessandra, MANZOLITURATTI, Maria Cecília, CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **Atualização do Conceito de Quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas.** In: Ambiente & Sociedade- Ano V. Nº 10- 1º semestre de 2002.

SHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835.** São Paulo: Companhia das letras, 1988.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL